

1

2016.2

JORNAL DA FACOM

Jornal Laboratório
da Faculdade
de Comunicação
da UFBA



Páginas 10 e 11

Atléticas são novidade na UFBA

Páginas 3 a 6

Cortes orçamentários
atingem a UFBA

Página 7 a 9

Entenda as questões por
trás da (não) legalização da
Uber em Salvador

Páginas 17 a 18

O cardápio da Feira de São
Joaquim e a cultura local



EDITORIAL

Jornalismo da UFBA obtém maior nota do país no Enade

Com índice de 4,8301 no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE), realizado em 2015, o curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia obteve o maior conceito ENADE contínuo do Brasil.

Os dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), dia 08 de março de 2017, comprovam o excelente rendimento dos alunos da Universidade Federal da Bahia, que obtiveram o conceito máximo (5).

Dos 275 cursos de Jornalismo avaliados, apenas 18 conquistaram o índice de excelência pelo Ministério da Educação. “Este resultado nos indica que mais precisaremos fazer para melhoria contínua do curso”, comenta Suzana Barbosa, Diretora da FACOM.

Na sua primeira edição de 2017, a matéria de capa do JF aborda um assunto latente, mas que recebe pouca atenção no ambiente acadêmico: o sedentarismo dos discentes. Buscamos dados sobre esse fenômeno e uma das principais iniciativas para combatê-lo: as ligas atléticas. Ainda no âmbito universitário, nos debruçamos sobre as dificuldades orçamentárias que a Universidade Federal da Bahia vem enfrentando - e ainda deve enfrentar - e suas consequências diretas na estrutura da universidade. Buscamos também os motivos da dificuldade feminina de inserção na área da tecnologia da informação, um problema que se estende da formação até o mercado de trabalho. Mas também fomos além dos muros da universidade: exploramos os obstáculos que donos de cães e gatos enfrentam para conseguir bolsas de sangue para animais doentes, destrinchamos os aspectos legais da polêmica relativa ao uso do aplicativo Uber em Salvador, percorremos a Feira de São Joaquim em busca de suas surpresas gastronômicas e investigamos o crescimento de ações que incentivam a prática fotográfica na cidade. Boa leitura!

JORNAL DA FACOM

Março 2017

Jornal Laboratório da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia
Rua Barão de Geremoabo s/n, Campus de Ondina
CEP 40.170-115 Salvador – Bahia - Brasil

EXPEDIENTE

Produção da disciplina
Oficina de Jornalismo Impresso
Primeira edição, semestre 2016-2

Reitor: João Carlos Salles

Diretora da Facom: Suzana Barbosa

Coordenação Editorial: Graciela Natansohn-DRT/BA 2702

Edição de Arte e Diagramação: Carla A. Risso, - MTb 19.260

Editores chefes: Nina Navarro Jursa (Saúde); Victor Fonseca e Rafaela Ainsworth Rey (Educação); Milena dos Anjos (Cultura e Comportamento); Yasmin Garrido (Cidade e Política); Cícero Cotrim (Fotografia)

Repórteres (turma 2016.2) Ana Esther Gomes, Cássia Carolina Macedo, Cícero Cotrim, Daniel Oliveira, Denise

Araoz, Elba Caroline, Felipe Iruatã, Greice Mara, Lara Pinheiro, Luana Lima, Luís Felipe Brito, Marcela Carvalho, Maryanna Nascimento, Marina Matos, Milena dos Anjos, Nina Navarro Jursa, Rafaela Souza, Rafaela Ainsworth Rey, Rebeca Almeida, Victor Fonseca, Yasmin Garrido, Well Jorbert.

Fotógrafos: Daniel Oliveira, Felipe Iruatã, Gabrielle Guido/LABFOTO, Lia de Paula/Ministério da Cultura, Paulo Magalhães/ASCOM UFBA, Tacio Moreira

Ilustração: Rebeca Almeida

Infografia: Carla A. Risso

Projeto Gráfico: Amanda Lauton Carilho/EDUFBA

Distribuição gratuita

Contato: jornaldafacomufba@gmail.com



foto: Paulo Magalhães/ASCOM/UFBA

Eduardo Mota,
Pró-Reitor de
Planejamento e
Orçamento

Despesas da UFBA batem no teto

A Universidade Federal da Bahia sofre com cortes no orçamento e pode perder mais com o Teto de Gastos Públicos

Cícero Cotrim

Desde o início deste ano, a UFBA amarga mais uma redução nas verbas. A Lei Orçamentária Anual de 2017 traz um corte de 22 milhões de reais nos recursos da Universidade. As perspectivas não são otimistas: com a aprovação da Emenda Constitucional 95, em dezembro do ano passado, que prevê a redução dos gastos pú-

blicos nos próximos 20 anos, a UFBA pode não dar conta das despesas básicas de funcionamento.

A rubrica de custeio, utilizada para o pagamento de contratos fixos – como luz, água e telefone – e de serviços como segurança, limpeza e portaria, perdeu 5,4% de seu orçamento, o equivalente a 9 milhões de reais. Esse valor representa o pagamento de um mês das despesas dos contratos continuados. O recurso, que no ano passado atingiu 167 milhões de reais, agora não deve passar dos 158 milhões de reais.

A situação é pior nas despesas de capital/investimentos, que arcam com corte de 43,5% ou 13 milhões de reais. Essa verba paga obras, reformas e aquisição de equipamentos diversos, de data-shows a elevadores. Neste ano, os recursos para esses investimentos totalizam 15 milhões de reais, contra 28 milhões de reais de 2016.

Com quase 100% de execução das duas rubricas no ano passado, os cortes podem prejudicar a estabilidade fiscal da UFBA, que já opera próxima do máximo da capacidade. “Você não pode imaginar que uma universidade como a nossa pode ter nove milhões de reais de corte de custeio”, salienta o Pró-Reitor de Planejamento e Orçamento (ProPlan), Eduardo Mota.

A ProPlan garante que serviços básicos não vão parar. Ainda existe a possibilidade de recuperar as verbas cortadas através de suplementação orçamentária do Ministério da Educação (MEC). Caso contrário, a Universidade vai assumir dívidas que serão transpostas para o ano que vem e podem prejudicar o orçamento de 2018.

Mesmo não sentidos diretamente, os cortes praticados desde 2015 aprofundam o déficit histórico da UFBA. “É só andar pelo campus para ver. Não

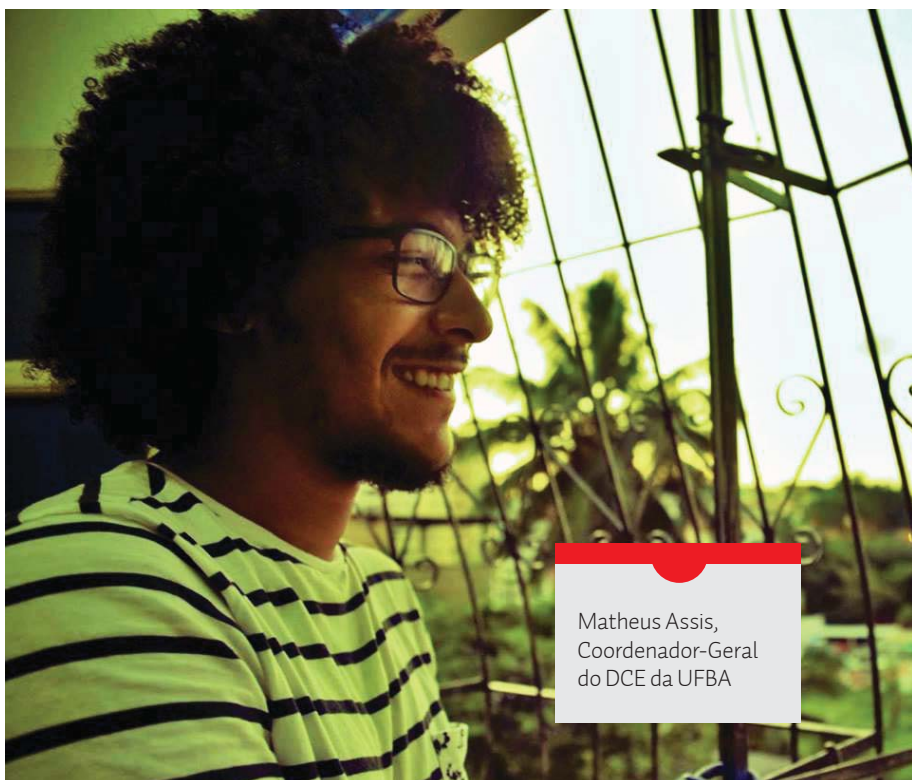


foto: acervo pessoal

Matheus Assis,
Coordenador-Geral
do DCE da UFBA



foto: UFBA

Dulce Aquino, ex-Pró-Reitora
de Assistência Estudantil e
Ações Afirmativas e atual
diretora da Escola de Dança

tem um prédio que não precise de reformas. Esse é um acúmulo histórico de necessidades”, destaca o Pró-Reitor. Projetos como a “sala de aula mínima” em todas as unidades, com ar-condicionado, data-show e equipamentos de qualidade, foram freados. “A ideia de que você poderia melhorar em um ano ou dois as condições de trabalho e de sala de aula da Universidade se tornou inviável com esses cortes”, lamenta.

Esse acúmulo histórico é ainda mais notável quando se coloca em perspectiva a expansão no número de vagas e estudantes. O marco histórico desse crescimento é a Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), que significou um salto de pouco mais de 24 mil estudantes em 65 cursos de graduação em 2008 para quase 34 mil discentes distribuídos em 99 cursos em 2015. Um crescimento de quase 40% em menos de dez anos. “As necessidades de manutenção da Universidade são crescentes porque cada ciclo de expansão, como o REUNI, faz pressão de custeio”, explica Eduardo Mota.

A expansão também veio acompanhada da necessidade de infra-estrutura para acolher os novos cursos e o novo contingente de alunos. Atualmente, as mais de 10 obras inacabadas da UFBA, que devem ser financiadas com as verbas de investimento, estão sem perspectiva de conclusão. Desde ampliações de unidades que expandiram suas vagas com o REUNI, como o Anexo da Escola de Dança, até o caso do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC), fundado há quase dez anos e ainda sem sede própria.

“[Tem a] Escola de Música, Dança, Engenharia, IHAC, mas não vai ser possível retomar essas obras na totalidade com o orçamento cortado”, avalia Mota. Os recursos de investimentos são os

que mais têm sofrido cortes. Nos orçamentos de 2015 e 2016, a rubrica foi reduzida em 50%.

Com as obras iniciadas em 2008 como contrapartida do REUNI à expansão de vagas, a construção do Anexo de Dança foi paralisada em 2010 por causa de problemas com a empresa responsável. A diretora da unidade, Dulce Aquino, lamenta os prejuízos da falta de espaço ao curso: “Nós temos aqui na escola dois teatros que são espaços importantíssimos, mas que usamos como sala de aula. Com o anexo pronto, resolveria os problemas, porque nossa expansão ainda está dentro do REUNI”. Ela estima que o custo de conclusão das obras seria de cerca de 2,5 milhões de reais.

Mais estudantes, mais gastos

Outro impacto da expansão da universidade foi na assistência estudantil. Em 2015, 388 estudantes viviam nas Residências Universitárias, 760 recebiam o Auxílio Transporte e 1.113 eram contemplados pelo Auxílio Moradia. Atualmente, cerca de 20% do corpo discente encontra-se em condição de vulnerabilidade social. “Tem essa nova cara da Universidade, negros, mulheres, indígenas que entram aqui com mais dificuldade de permanecer. Cada vez mais a gente percebe que a procura pelo RU é maior, a ficha acaba mais cedo”, analisa o Coordenador-Geral do Diretório Central dos Estudantes (DCE), Matheus Assis.

O Restaurante Universitário tem capacidade para produzir cerca de 800 refeições por turno, complementadas por outras 300 do recém-inaugurado Ponto de Distribuição de São Lázaro. Com conclusão prevista para esse ano, o Ponto de Distribuição do Canela deve adicionar outras 300 refeições à equação. Serão cerca de 1.400 refeições para atender a um contingente de quase 40 mil estudantes da graduação e pós.

Para Dulce Aquino, ex-Pró-Reitora de Assistência Estudantil e Ações Afirmativas durante o reitorado de Dora Leal, há um déficit histórico na pasta. “Historicamente, nós temos atropelos na Assistência Estudantil. Na década de 70, quando se acabou com o Restaurante Universitário que existia, foi uma perda absurda, acabaram com a assistência. Isso só foi retomado de 2003 para cá”, avalia.

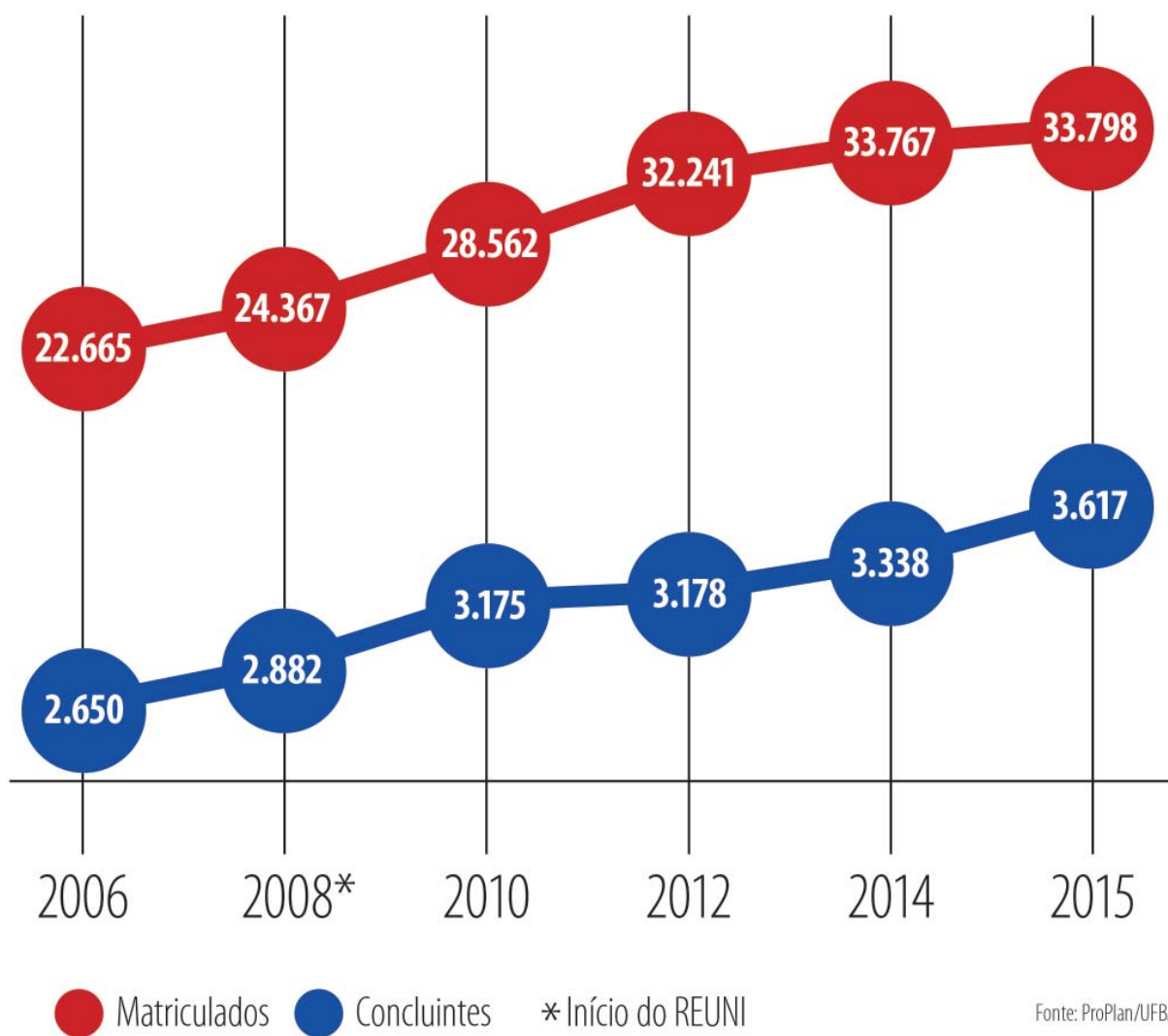
Atualmente alocado em uma estrutura projetada como Centro de Convivência, o Restaurante Universitário não atende aos requisitos necessários para ampliação da capacidade de produção. A gestão da UFBA quer construir um novo RU, qualificado para a produção de até 10.000 refeições. Mas esse projeto é estimado em cerca de 40 milhões de reais. “Por enquanto, não temos condição de fazer. Isso excede muito a verba da UFBA para investimento”, lamenta Mota.

Pesquisa sem prestígio

Além dos cortes relacionados ao funcionamento da Universidade, também vêm se aprofundando as reduções das verbas destinadas a uma das principais atividades universitárias: a pesquisa. “A base que fomenta a Universidade e que dá qualidade é o fazer ciência. Para isso, você precisa ter verba para desenvolver projetos de pesquisa. A última greve, em 2015, já foi por conta da falta de verba e estrutura para os docentes”, lembra a presidente do Sindicato dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior da Bahia (Apub Sindicato), Luciene Fernandes.

Nos últimos seis meses, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) cortou 20% das bolsas de Iniciação Científica e anunciou uma redução de outros 20% na totalidade das bolsas de pesquisa de seus Comitês Assesores. Na UFBA, 118 bolsas de Iniciação cor-

UFBA – Número de estudantes de graduação – 2006/2015



“ O orçamento da UFBA não é suficiente para ela funcionar. ”

Jorge Solla

tadas foram assumidas com recursos próprios: um impacto de 47 mil reais mensais no orçamento.

Outras fontes de recurso

Fruto de uma articulação política junto à bancada de parlamentares baianos, a UFBA é contemplada com emendas parlamentares para complementar seu orçamento. Neste ano, os 39 deputados e três senadores do Estado destinaram uma emenda de bancada no valor de 115 milhões de reais para a Universidade. Em caso de aprovação, seriam 35 milhões de reais para a construção do novo RU, 70 milhões para obras na Maternidade Climério de Oliveira e 10 milhões para o Hospital Universitário.

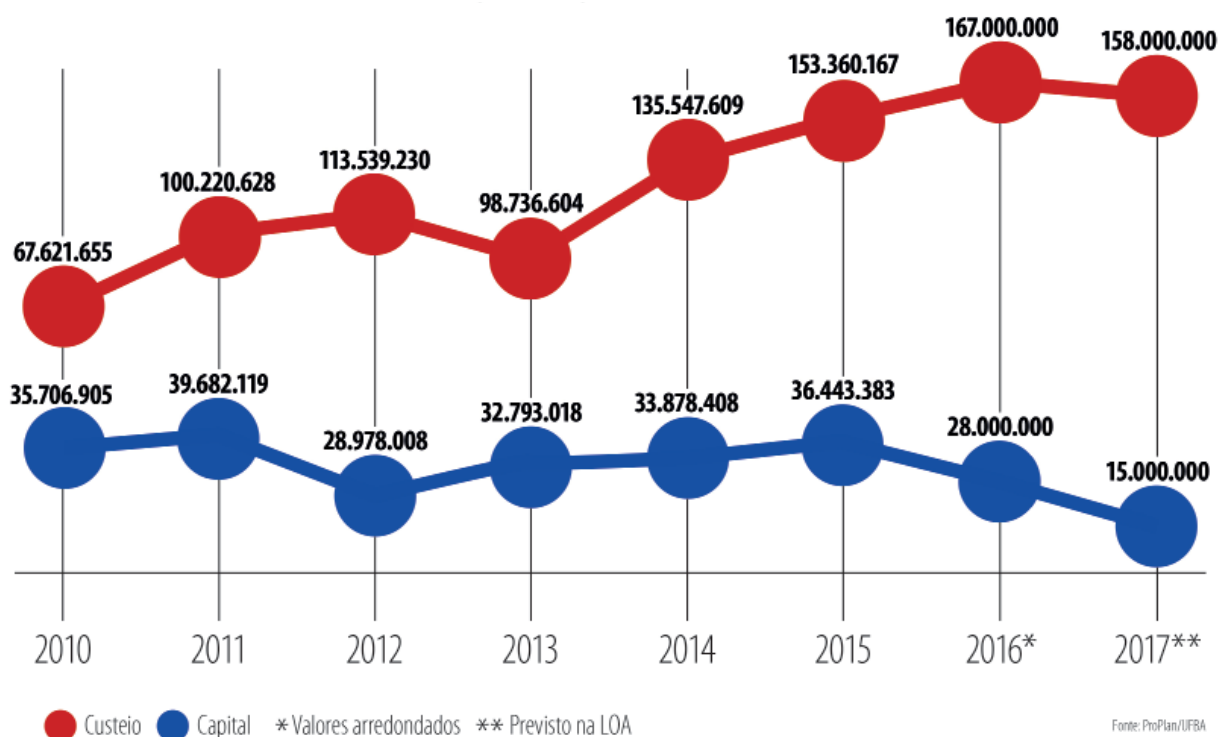
Como as emendas de bancada não são impositivas, o governo federal não tem obrigação de disponibilizar a verba que elas destinam. “É evidente que o orçamento da UFBA não é suficiente para ela funcionar e essa é uma medida praticamente inócua, porque você dificilmente vai conseguir a liberação desse montante”, avalia o deputado federal Jorge Solla (PT/BA), um dos parlamentares que assinou a medida. Em 2015, a Universidade também foi contemplada com uma emenda de bancada que não foi liberada.

Teto de gastos

A Emenda Constitucional 95 foi apresentada em junho do ano passado pela equipe econômica do presidente Michel Temer como solução para a crise fiscal do país. O texto determina que o gasto máximo do governo com despesas primárias – educação, saúde – seja fixado como o mesmo que se gastou no ano anterior, corrigido pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), do IBGE.

Os limites de gasto serão, durante 20 anos, iguais ao orçamento de 2017 corrigido pela inflação. Na prática, isso revoga garantias constitucio-

UFBA – Despesas discricionárias - evolução do orçamento – 2006/2015 (R\$)





“Enfraquecer as Universidades públicas é romper com um futuro grandioso.”

Juca Ferreira

nais de verbas quase sempre crescentes vinculadas à educação.

Hoje, é impositivo ao Orçamento que se aplique pelo menos 18% da receita de impostos na manutenção e desenvolvimento da educação. Com a perspectiva de uma arrecadação crescente e inflação decrescente, desenvolve-se um cenário de desinvestimento na educação pública nas próximas duas décadas: as receitas sobem, mas o governo só pode aplicar o orçamento de 2017 corrigido pela inflação.

Importante perspectiva de desenvolvimento da educação, a vigésima meta do Plano Nacional de Educação também vai ser frustrada. O objetivo era alcançar, até 2024, investimentos na educação que totalizassem um mínimo de 10% do PIB brasileiro. De acordo com a mesma lógica, de PIB crescente e orçamento congelado, os recursos para a educação vão se reduzir proporcionalmente à receita do país.

Um artigo escrito pelo Reitor da UFBA João Carlos Salles e os Pró-Reitores Eduardo Mota e Olival Freire dá conta do que isso teria significado caso o teto fosse aplicado no orçamento da universidade em 2010: até o ano passado, seria uma perda de mais de 184 milhões de reais nas verbas de custeio e capital.

Tudo isso pode inviabilizar a continuidade do processo de expansão vivido pela UFBA desde 2006. Em dezembro passado, pouco antes da promulgação da emenda, o MEC anunciou o congelamento por dois anos do número de vagas nas Universidades Federais afirmando a necessidade de consolidar o processo de ampliação. Neste ano, anunciou os cortes no orçamento da Universidade. “Enfraquecer e reduzir a importância das Universidades Públicas é romper com a possibilidade de se ter um futuro grandioso. Uma das insuficiências no Brasil para sustentar o desenvolvimento é um nú-

mero ainda pequeno de técnicos, pensadores, gestores para desenvolver toda a economia”, critica o ex-ministro da Cultura Juca Ferreira.

Contra os cortes

Em 2015, quando as Universidades Federais foram atingidas pela primeira leva de cortes na educação, um movimento nacional de greve se formou. Na UFBA, docentes, servidores e estudantes paralisaram as atividades por quase cinco meses. Localmente, a pauta da defesa da educação pública unificou o movimento grevista das três categorias.

Menos de dois anos depois, movimentações nacionais contra medidas de austeridade implementadas pelo governo indicam a possibilidade de novas ações no panorama local. Perguntada sobre a possibilidade de uma nova greve, Luciene Fernandes afirma que a gestão da Apub Sindicato busca outros instrumentos de mobilização. “Mas não estou dizendo que é uma perspectiva improvável nesse momento. Nós vamos ouvir a categoria e ver todas as possibilidades de luta para enfrentar esse cenário”, alerta.

A perspectiva do movimento estudantil não é diferente. “Nessa situação de cortes, a possibilidade de greve não está descartada. Tudo vai depender da conjuntura, de como esse debate vai ser colocado para a UFBA”, afirma Assis.

A reportagem do Jornal da Facom tentou entrar em contato com os deputados federais Cacá Leão (PP/BA) e José Carlos Araújo (PR/BA), que votaram a favor da PEC 91 e assinam a emenda de bancada para a UFBA, mas não obteve resposta. A Pró-Reitoria de Assistência Estudantil e Ações Afirmativas e o Sindicato dos Trabalhadores Técnico-Administrativos em Educação das Universidades Públicas Federais da Bahia (ASSUFBA) também não responderam às solicitações.



foto: Tácio Moreira

Uber: legalizar ou não legalizar, eis a questão

Yasmin Garrido

Legalizar a Uber é mais do que uma briga de “cachorro grande”

Desde que o aplicativo da Uber foi liberado para uso em Salvador, em maio de 2016, há um embate entre os taxistas, a população, os juristas e a prefeitura acerca da legalidade desse tipo de serviço. A lei 9.066/2016, sancionada pelo prefeito ACM Neto, prevê a ilegalidade da Uber no território municipal,

proibindo veículos particulares de fazerem o transporte remunerado de pessoas.

No dia 24 de fevereiro de 2017, no meio do Carnaval, uma liminar foi expedida pelo Tribunal de Justiça da Bahia e liberou a atividade da Uber em Salvador. O documento foi assinado pela juíza de Direito plantonista, Ana Maria Silva Araújo de Jesus. No entanto, tanto a Secretaria de Mobilidade



Urbana (Semob) quanto o Departamento de Trânsito da Bahia (Detran) informaram que não foram notificados da decisão.

Passado o Carnaval, a liminar continua tendo vigência na cidade, mesmo a Prefeitura tendo recorrido. Com isto, caso autoridades e órgão públicos impeçam a atividade da Uber em Salvador, a multa aplicada vai ser de R\$ 30 mil. Desta forma, os serviços da Uber, por enquanto, estão lícitos na cidade e não podem ser impedidos pelo prefeito ACM Neto, mesmo este insistindo na ilegalidade do serviço.

Público x Privado

A decisão da prefeitura desagradou boa parte da população, bem como, juristas, que defenderam não ser a Uber de responsabilidade do setor público, mas, sim, da esfera privada. Para o advogado Pedro Carneiro, especializado em Direito Público, a lei em questão é viciada, na medida em que foi uma iniciativa do município, incompetente para legislar sobre o tema.

O advogado ainda complementou: “A Uber, diferente dos táxis, não é um serviço público de

transporte, é um serviço privado, que não pode ser disciplinado por uma lei municipal. Pode ser por uma legislação federal ou pelo próprio Código de Defesa do Consumidor. Nunca por uma lei municipal”.

A promotora do Ministério Público, Rita Tourinho, defendeu a legalidade da Uber, concordando com Pedro Carneiro, uma vez que afirmou ser o aplicativo pertencente à seara privada, não podendo ser regulamentado por lei municipal. Ela defendeu a criação de uma norma que regulamente o serviço da Uber, assim como existe para os táxis. Declarou também que o transporte privado circular sem uma norma que o organize é uma concorrência desleal para os taxistas.

Para ela, “tem que haver uma regulamentação para a Uber e uma para o táxi, para que seja vantajoso e não haja concorrência desleal no mercado. Eles [os taxistas] têm razão, é desleal [a concorrência]. Mas, como vai combater? Proibindo? A possibilidade dessa lei ser considerada inconstitucional é alta. É importante que os taxistas busquem agora se renovar. Isso é olhar o problema de frente”.

Inconstitucionalidade

Não basta só o uso do serviço da Uber crescer na cidade ou uma liminar local permitir o uso do aplicativo. É preciso a lei que o proíbe ser declarada inconstitucional, de acordo com os argumentos de Carneiro e da promotora Rita Tourinho. Isto vai fazer com que a circulação dos veículos da Uber aumente, uma vez que ainda há bastante receio dos motoristas quanto à fiscalização e à apreensão dos carros.

Em 14 de fevereiro de 2017, os vereadores da Câmara Municipal de Salvador realizaram sessão para discutir novamente a regulamentação da Uber na cidade. Para o vereador José Trindade, do PSL, “assim como os serviços de mototáxi e de vans, que já foram considerados ilegais e hoje têm regulamentação própria, os serviços oferecidos pela Uber deveriam ser permitidos em Salvador, mediante a criação de uma norma que os regulamente”.

Já Alfredo Manguiera, autor do projeto que, em 2016, proibiu a Uber em Salvador, declarou que o projeto municipal para regulamentar o serviço é inconstitucional. “É uma questão federal. Quando



for aprovado em Brasília, venham para esta Casa [Câmara Municipal] que vamos debater. Enquanto isso, é clandestino, não paga imposto”, disse.

Afetou o bolso

Antônio Domingos, 63, taxista há 40 anos, não pensa dessa forma. Para ele, “o serviço da Uber arruinou todos nós [taxistas]. Eu tenho família e não estou mais conseguindo dar conta do sustento da casa”. Ele afirmou que faturava em torno de R\$ 4.000,00 por mês antes da Uber viger em Salvador. Depois, passou a ganhar apenas R\$ 700,00, o que lhe trouxe inúmeras dificuldades.

Para o taxista Bruno Sodré, 41, há 10 anos na profissão, “a Uber chegou para promover a concorrência, o que é saudável no mercado”. Ele admitiu que seus colegas taxistas, às vezes, se aproveitam de determinadas situações e da falta de opção da população para ganhar mais dinheiro nas corridas. “No carnaval isso aconteceu muito. Os preços são pré-estabelecidos e os taxímetros são desligados”, afirmou.

O presidente da Associação Metropolitana de Taxistas, Valdeilson Miguel, disse que a pre-

feitura está dando apoio à categoria, mas se a prefeitura não der jeito, os taxistas vão dar. “A gente sabe onde eles andam e nós vamos jogar duro nesse aplicativo da vergonha, da clandestinidade”, ressaltou.

“Além de não passar por nenhuma vitória, os veículos que operam pelo Uber não têm regulamentação e não são cadastrados, não tem como saber quem está transportando vidas, diferente dos 7.200 taxistas registrados na Prefeitura, que pagam por essas vitórias”, acrescentou Valdeilson.

Na contramão da lei

Apesar da lei que proibiu até o mês de fevereiro de 2017 a atuação da Uber, Salvador é a cidade onde o uso desse tipo de serviço mais cresceu. “As pessoas estão interessadas em outro meio para andar pela cidade com facilidade, apertando um botão. E, ao mesmo tempo, a gente vê muitos motoristas interessados em ganhar dinheiro, também apertando um botão e conseguindo passageiro”, avaliou Fabio Sabba, porta-voz da Uber-Brasil.

Uma pesquisa realizada com 876 estudantes de Salvador, entre 15 e 25 anos, de colégios e universidades públicas e particulares, constatou que 56,2% já utilizaram os serviços oferecidos pela Uber. Dos 43,8% que não têm cadastro no aplicativo, 51% não possuem celular compatível com o sistema da empresa. Apenas 49% estudantes disseram que nunca utilizaram o serviço das Uber, porque não concordam com a política de funcionamento do aplicativo.

Ainda, dos 56,2% jovens que afirmaram já terem solicitado carros da Uber, 60,2% possuem cartão de crédito registrado no aplicativo e 39,8% fizeram uso do serviço apenas na modalidade de pagamento em dinheiro. A estudante da rede estadual M. C. de O., de 17 anos, declarou que utiliza os serviços da Uber quando precisa “voltar de algum lugar tarde e não usa o ônibus, porque é perigoso”.

Para Leonardo Vasconcelos Medeiros, de 21 anos, estudante de administração de faculdade privada, “a Uber ajuda sempre que saio à noite e quero tomar uma cerveja. Peço um carro pelo aplicativo para evitar blitz”. Já Maria Eduarda Neves, de 24 anos, estudante de medicina de universidade pública, “a Uber chegou na cidade para facilitar a vida das pessoas e o serviço deveria ser regularizado com maior brevidade”. Ela acrescenta que sua família já faz uso do aplicativo com frequência e não vê problemas em o mercado de transporte de Salvador ser concorrido. “Concorrência faz aumentar a qualidade dos serviços prestados”, finaliza.

Aprensões

Em 2016, primeiro ano da Uber em Salvador, cerca de 500 veículos foram apreendidos pela Se-

cretaria de Mobilidade Urbana (Semob). Fábio Mota, gestor da Semob, afirmou que a tendência é intensificar a fiscalização para que mais veículos sejam apreendidos em 2017, combatendo, assim, o funcionamento ilegal do serviço da Uber.

Os veículos apreendidos são encaminhados para o pátio da Transalvador e os motoristas, se quiserem reavê-los, devem pagar de R\$ 2.500,00 a R\$ 5.000,00, além dos custos de guincho e da diária do pátio. Nestes casos, o advogado Pedro Carneiro alerta que o motorista pode se valer de algumas medidas judiciais para impedir a apreensão, como “mandados de seguranças, ações judiciais em que ele possa argumentar e informar que a municipalidade não poderia apreender o veículo nem aplicar penalidade, porque é uma lei inconstitucional”.

Luis Guilherme, 34, motorista da Uber desde maio de 2016, alegou que “a proibição é uma afronta ao direito individual de o trabalhador buscar a sua própria renda”. Para ele, não se pode proibir um serviço que já foi regulamentado por lei federal. Neste sentido, a assessoria da Uber Brasil afirmou que o serviço está plenamente de acordo com a Política Nacional de Mobilidade Urbana (lei federal 12.587/12), não havendo motivos para a proibição municipal.

Luz no fim do túnel

Em meio ao turbilhão de notícias negativas envolvendo o aplicativo Uber, além da decisão do Tribunal de Justiça da Bahia, regulamentando o serviço em Salvador, mais uma novidade vem trazer esperanças tanto aos usuários quanto aos motoristas da empresa. A 33ª Vara do Trabalho de Belo Horizonte decidiu que há vínculo empregatício entre o motorista – prestador de serviço – e a Uber. Isto faz com que a empresa tenha que pagar benefícios trabalhistas, como férias, 13º salário, horas-extras, recolher FGTS.

De acordo com a lei brasileira, os requisitos que definem o vínculo empregatício são: relação entre empresa e pessoa física, pessoalidade; onerosidade; não eventualidade ou habitualidade; subordinação. Para o juiz Márcio Toledo Gonçalves, responsável pela decisão, a relação entre a empresa Uber e um motorista cadastrado no aplicativo possui todas as características para o reconhecimento do vínculo empregatício, devendo ser regida pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT).

Essa decisão reforça a necessidade de definição de leis claras e específicas que regulamentem o serviço oferecido pela Uber, não só como uma forma de tranquilizar a empresa e os motoristas, como, também, os usuários do aplicativo. Apesar de ser considerada uma vitória na longa caminhada da regularização em Salvador e no Brasil, a empresa declarou que vai recorrer da decisão, uma vez que explora uma plataforma tecnológica que faz a intermediação entre usuários do aplicativo e motoristas “independentes”.



O esporte e os estudos sempre andaram juntos na vida da estudante de Produção, Paula Trindade

Sedentarismo na academia?

Atléticas são alternativa ao comportamento sedentário dos estudantes da UFBA

Rafaela Souza

A rotina acadêmica é um dos principais motivos para os universitários justificarem a vida sedentária. Afinal, não é nada fácil conciliar a vida puxada de estudos, avaliações, seminários, leituras, noites mal dormidas, ansiedade com os resultados e estágio a prática regular de alguma atividade física ou esportiva. Parece até que o dia de um estudante universitário tem afazeres para mais de 24 horas. A demanda de obrigações reflete no cansaço físico que se sobrepõe a qualquer vontade de se exercitar.

O estudante de Engenharia Química, Isaias Matos, aponta a falta de tempo devido à rotina dos estudos e a correria para dar conta dos afazeres

como a causa para não praticar nenhuma atividade física. “Saio bem cedo para faculdade e tenho aulas em campus diferentes. Quando volto para casa já estou exausto e não sobra tempo e nem disposição física”, conta.

Ao contrário dele, a estudante de Produção Cultural Paula Trindade, conta como o esporte complementa a sua vida acadêmica. Desde 2014, é goleira no time de futsal feminino da UFBA. O time nasceu em 2008 por iniciativa das próprias alunas. “É um prazer enorme estar jogando, porque acabamos formando uma família, aprendendo com as vitórias e, principalmente, com as derrotas”, afirma.

O resultado são os títulos recentes de 2º lugar na Taça Metropolitana de Futsal Feminino e 3º na Taça Salvador (campeonatos locais), o bicampeo-

nato nos Jogos Universitários da Bahia (2014-2015) e a medalha de bronze, em 2015, nos Jogos Universitários Brasileiros.

A universidade

Segundo o atleta e professor de Educação Física, Alan Ricardo Costa, a grade curricular da maioria dos cursos é montada para que a vida dos alunos seja exclusivamente acadêmica, dificultando a inserção da prática esportiva dentro da universidade. “A graduação se torna pobre quando o leque de possibilidades e de experiências que podemos viver é induzido a se fechar com altas cargas horárias de aulas expositivas. O fomento às práticas físicas e desportivas é muito mais efetivo por ações voluntárias e individuais dos alunos do que essencialmente institucionais”, relata.

O coordenador do Núcleo de Esporte e Lazer da Pró-Reitoria de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil, Mário Sérgio Nascimento, ressalta que havia um bom trabalho teórico na UFBA, mas faltavam estrutura e recursos financeiros para um maior desenvolvimento do esporte na universidade. Devido a isso, foi criado em julho de 2016 um grupo de trabalho para pensar o esporte e o envolvimento da comunidade universitária.

O GT Esporte tem como objetivo desenvolver um plano para a política esportiva na universidade. Fazem parte desse núcleo de trabalho professores do departamento de Educação Física da Faculdade



de Educação, representantes da Pró-Reitoria de Desenvolvimento de Pessoas (PRODEP), da Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT), Núcleo de Esportes da Pró-Reitoria de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil (PROAE), Diretório Central dos Estudantes, Movimento Universitário Desportivo, Instituto de Ciências da Saúde, e os sindicatos de docentes e de servidores técnicos, APUB e ASSUFBA.

A solução: Associações Atléticas Acadêmicas

Tradicionais nas universidades de São Paulo e Rio de Janeiro, as atléticas são associações sem fins lucrativos formadas pelos alunos que além de promover o esporte, tem por objetivo integrar os alunos, seja por competições, jogos universitários ou festas.

Fábio Nunes, estudante de medicina e atual diretor de comunicação da Associação Atlética de Medicina da UFBA (AAACVL), destaca a importância de como esse engajamento melhorou o seu rendimento intelectual e a sua percepção da universidade. Para ele, a atlética é um lugar prazeroso e de identidade. “Lá você sente orgulho por fazer parte daquele curso”, diz. “Precisava me sentir inserido, afinal, passo mais tempo na faculdade do que na minha própria casa. A rotina de aula é bem cansativa e a atlética me deu outro gás para encarar a graduação”, conta.

A criação das atléticas já é uma realidade na UFBA há quase cinco anos. A Associação Atlética Acadêmica Antônio Carlos Vieira Lopes (AAACVL), idealizada pelos estudantes de medicina já existe desde 2012, mas só em 2015 ganhou mais destaque devido a realização do InterMed (campeonato disputado entre as atléticas de Medicina). As modalidades disputadas englobam esportes de quadra como basquete, vôlei, futebol, futsal, de piscina como natação e, além de tênis de mesa, xadrez e lutas como Jiu-jitsu.

“Para além de participar da parte organizacional, tenho a oportunidade de criar vínculos e amizades, adquirir novas experiências”, admite Karol

Ribeiro, estudante do Bacharelado interdisciplinar de Saúde e diretora de comunicação da ATLETIHAC. “Há a oportunidade de aprender a liderar e trabalhar em grupo pelo contato que temos com uma diversidade de entidades acadêmicas. Tenho convicção de que serão momentos e experiências que levarei para a vida profissional e pessoal”, conta.

Segundo Davi Azevedo, estudante de Administração e diretor geral da mais nova atlética da UFBA, é muito simples participar da associação. Durante o semestre a equipe convida os membros da comunidade da Faculdade de Administração a participarem através de um processo seletivo bem simplificado que visa explicar como tudo funciona e conhecê-los melhor, sem nenhum caráter eliminatório ou segregador.

Liga

Além da criação das atléticas, houve a recente criação da Liga das Associações Atléticas da UFBA (LAUFBA) que tem como objetivo dar suporte a todas as atléticas da universidade. Desde ajuda para criação (estatuto, desenvolvimento de brasão, e experiências passadas), fortalecimento (buscando parceiros para o plano de associados e fornecedores de uniformes e de itens de identificação da atlética) e a organização de amistosos e a grande competição que está em desenvolvimento o InterUfba que vai acontecer em abril.

A ideia da liga, veio da busca de pessoas que faziam parte das diretorias das entidades formadas para que criassem algo mais sólido. Pois apenas duas competiam com faculdades de fora e entre si, medicina e direito. Atualmente, são feitas reuniões quinzenais itinerantes, cada uma acontece na sede do curso de uma das atléticas existentes, sempre de forma alternada, simbolizando a neutralidade da liga, já que não tem uma sede. Para Cauã Portela, integrante da Liga e diretor de esportes da ATLETIHAC é muito fácil participar da liga. Basta ser estudante da UFBA e estar disposto a fundar uma atlética no seu curso. O contato pode ser fei-

to através da página no Facebook (facebook.com/ligaatleticasfedera), no Instagram (@laufba) e no email (laufba17@gmail.com).

Apoio e estrutura

Quanto ao apoio que é oferecido pela universidade, as opiniões divergem. Para Karol Ribeiro e Ramon Soares, estudantes do bacharelado interdisciplinar e diretores da ATLETIHAC, o instituto ao qual fazem parte se mostra totalmente disposto a ajudar nas melhorias da atlética. “Fomos muito bem recebidos pelo nosso Instituto, seja orientando ou auxiliando com a autorização do uso do espaço para eventos e afins e também na congregação, onde é aprovado o estatuto. No macro, a universidade tem se mostrado solícita a iniciativas como essa, tanto que vemos um crescimento muito grande das associações em vários cursos”, conta Karol Ribeiro.

Segundo alguns estudantes e integrantes das atléticas, a maioria delas contam com baixo ou nenhum apoio. Não há salas para reunião, não há reconhecimento como atividade complementar mesmo demandando tempo dos alunos. De acordo com a LAUFBA, as associações aguardam um apoio da universidade, está nos planos das associações a valorização do Centro de Educação Física e Esporte da UFBA para que as atividades esportivas possam acontecer lá. Fazendo com que a prática esportiva possa ajudar os alunos que estão colocando cada vez a saúde mental em segundo plano por causa do ritmo intenso dos estudos.

Para o atleta e professor de Educação Física, Alan Ricardo Costa, é essencial o fortalecimento das atléticas e das políticas esportivas nas universidades. “Precisamos de uma política esportiva atuante, efetiva e robusta para pensar estrategicamente em fazer da UFBA um centro de desenvolvimento integral das pessoas que fazem a universidade sobreviver. Afinal, o esporte tem muitos objetivos, dentre eles: a interação, sociabilidade, troca de experiências, sentimentos, aprendizagem, respeito, moral e ética”, finaliza o professor.

Procuram-se super gatos e super cães

Nina Navarro Jursa

Os desafios e os benefícios da doação de sangue veterinário

Poucas pessoas sabem que existem bancos de sangue veterinários em Salvador, tão importantes quanto os hemocentros humanos. “O sangue de cães auxilia na terapêutica da doença do carrapato (endêmica em Salvador principalmente no verão), nas doenças auto imunes, anemias e na recuperação do sangue perdido em longas cirurgias e graves acidentes”, explica Susana Spínola, médica veterinária especialista em hematologia.

Atualmente Salvador conta apenas com dois bancos de sangue privados para atender à crescente demanda de sangue veterinário e os dois estão com estoques vazios “o que traz muitos problemas, gerando sempre uma fila de espera emergencial para todo o sangue coletado” salienta Luiza Navarro, veterinária responsável por um dos bancos de sangue da cidade. “Uma bolsa de sangue dura até 30 dias armazenada” mas, esse sangue não fica nem um dia nos estoques, por causa da grande demanda.



Na cidade não existem hemocentros públicos. Nem o hospital de Medicina Veterinária da Universidade Federal da Bahia (UFBA) tem um centro dessa natureza. Visando garantir que hajam doadores permanente e saudáveis, capazes de fazer quatro doações ao ano, os bancos de sangue privados oferecem excelentes contrapartidas ao animal sem ônus ao proprietário: check-up de saúde antes de cada doação, ração calórica, vermífugo, carrapaticida e, em casos em que o animal realiza doações regularmente durante um ano, recebe vacinação anual obrigatória. As custas são repassadas para os tutores de animais que precisam de sangue.

É difícil ser um super-gato, mas não impossível

Enquanto existem cães doadores cadastrados nesses bancos de sangue, com os gatos não acontece o mesmo. Susana Spínola explica que “gatos possuem muitas particularidades; eles possuem três tipos sanguíneos incompatíveis entre si e para realizar a doação eles são sedados devido ao tem-

peramento característico e para evitar o sofrimento dos mesmos, explica a médica. Para doar um volume significativo de sangue, o gato doador deve ter o peso mínimo de 4,5 kg. “Isso não condiz com a realidade da maioria dos gatos que são popularmente adotados”, comenta Luiza Navarro.

Vida salva por um super-cão desconhecido

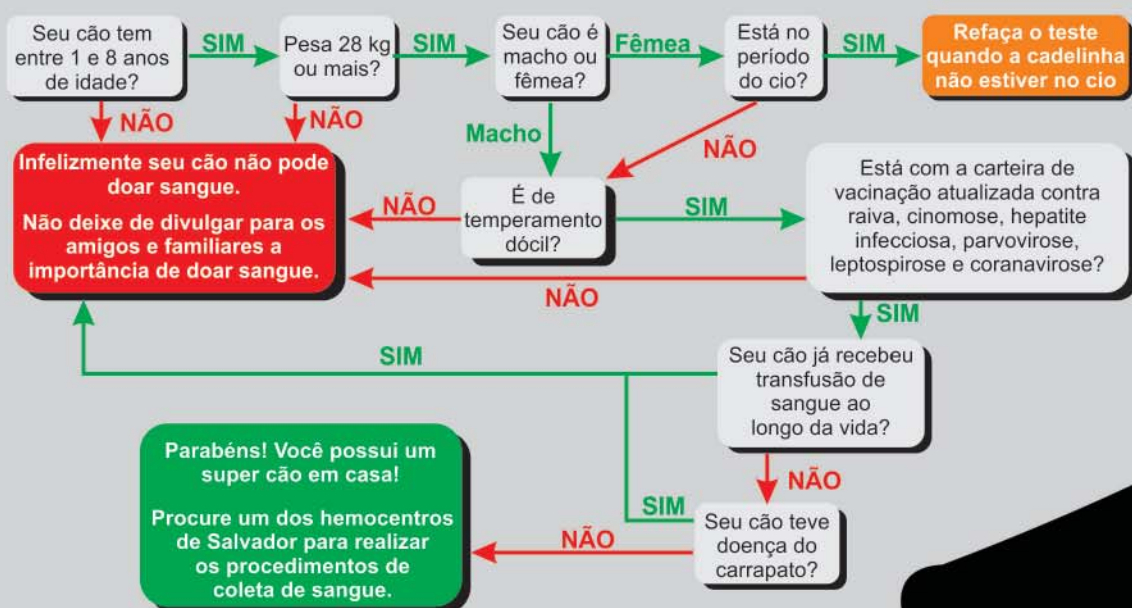
Zaz é uma cadelinha da raça Dachshund e há dois anos Ester Rios, sua tutora, percebeu uma mudança de comportamento repentina. “No primeiro dia ela não quis comer nem beber nada e no segundo, não saía da cama para nada, levei no veterinário aonde descobrimos a doença do carrapato e que ela precisaria de uma transfusão de sangue”, explica Ester. Infelizmente o banco de sangue estava zerado. A filha de Ester começou uma campanha na internet para encontrar um doador. “Foi muito difícil, principalmente por se tratar de verão e muitas famílias viajam, mas conseguimos”, lembra Ester. O quadro de saúde de Zaz piorou dias depois e ela

precisou de uma segunda transfusão de sangue. “Tive que pagar 700 reais pela segunda bolsa de sangue. Achei muito caro!” reclama. “Tomei um empréstimo e paguei porque ela precisava e isso para mim era o que importava”, conta Ester. Hoje Zaz tem cinco anos, curou-se da doença do carrapato e vive com uma reação autoimune que gera problemas de pele frequentes. Apesar de não saber a identidade do cão doador e nem de seu tutor, Ester se diz extremamente grata por este grande ato de solidariedade e amor ao próximo.

Seja um super-tutor!

Para que haja sangue é preciso que haja doadores. A falta de conscientização dos tutores é um problema, explica Navarro. Doar sangue não é só para humanos, cães e gatos também precisam e encontrar doadores é a maior dificuldade enfrentada pelos hemocentros veterinários da cidade.

Você tem um CÃO super doador em casa?



O processo de doação de sangue



Bancos de sangue veterinário em Salvador

Rua Oswaldo Cruz, N° 432
Rio Vermelho
Telefones: (71) 99951-7300/
99283-7662/3345-6041

Rua dos Radialistas, N° 209
Pituba
Telefone: (71) 3011-6846

Baianas chegam a final de campeonato de tecnologia

Rebeca Almeida

Apesar da conquista, a baixa quantidade de mulheres nas áreas de TI ainda é uma realidade

No final do ano passado, um grupo de garotas baianas chegou à final da etapa nacional do Technovation Challenge. A competição mundial desafia meninas de Ensino Fundamental e Médio a criar, desenvolver e lançar um aplicativo móvel que resolva problemas de suas comunidades.

Foto: Divulgação



O time finalista baiano desenvolveu o aplicativo Rede Saúde, que tem o objetivo de facilitar a vida do cidadão de Salvador, reunindo postos de saúde com suas informações básicas como endereço, telefone e especialidades que são atendidas no local.

Na competição havia apenas dois times de Salvador e ambos eram parte do grupo OxenTI Menina. Este grupo é formado apenas por mulheres e busca ensinar programação e empreendedorismo para garotas das periferias de Salvador, além de incentivá-las a participar de competições como o Technovation. Uma das fundadoras do OxenTI, Brenda Costa, estudante de Sistemas de Informação, diz que participa do grupo porque “hoje em dia as pessoas consomem muita tecnologia, mas nunca paramos para pensar: por que tem poucas mulheres produzindo tecnologia?”.

O OxenTI é parceiro do grupo Meninas da TI, atividade de extensão da faculdade onde Brenda estuda. A professora Angela Reis, coordenadora dos cursos de TI instituição e fundadora do grupo Meninas na TI, explica que esse tipo de iniciativa é importante para desmistificar tabus de gênero sobre a baixa afinidade das mulheres com as ciências exatas.

As mulheres têm mais dificuldades para se inserir na área, entre outras razões, porque quando jovens elas não recebem o mesmo incentivo que os meninos. “Faltam referências femininas. Em qualquer área é difícil que uma mulher tenha visibilidade, mas na área de exatas sempre é mais complicado”, reflete Reis. Além disso, aquelas que buscam se inserir têm de enfrentar ambientes majoritariamente masculinos.

Segundo dados do Censo da Educação Superior de 2013, mulheres representam apenas 15% dos estudantes das áreas de Tecnologia da Informação (TI). Além disso, a presença feminina é muito baixa também no mercado de trabalho. No Brasil, as funcionárias representam 20% entre 580 mil pessoas que atuam no setor, segundo dados da PNAD, 2013.

No entanto, quando jovens, o interesse por programação não parece divergir muito entre os sexos: “Para cada quatro meninos querendo entrar no OxenTI, vinham três garotas. Eles não viam que era um grupo voltado para mulheres e perguntavam se podiam entrar”, conta Clara Matos, co-fundadora da OxenTI. Logo no começo, o grupo chegou a contar com trinta garotas, mas ao longo do ano elas foram saindo. “Geralmente por causa da distância entre os bairros em que elas moram e o lugar onde a gente se encontra”, explica Clara.

A primeira atuação do OxenTI foi participar do Technovation, no ano passado. O grupo chegou à final nacional: “Mas nenhuma equipe brasileira se classificou para a etapa internacional”, conta Brenda. Este ano o grupo se prepara para mais uma edição da competição.

O incentivo deve vir desde cedo

Mariana Barreiros, estudante do 4º semestre do curso de Análise de Desenvolvimento de Sistemas da UFBA, acredita que se tivesse tido contato com a área mais cedo sua vida acadêmica seria mais fácil. “Em muitos países, iniciativas como essa já são comuns. As crianças vivenciam essa experiência ainda na escola primária. Se eu tivesse tido essa oportunidade, é bem provável que hoje eu já tivesse terminado o curso ou tivesse um desempenho melhor na faculdade”, conta.

Edely Gomes também acredita que se tivesse tido contato com linguagens de programação quando jovem teria encarado a escolha de um curso de outra forma. Ela é formada em Jornalismo, mas resolveu voltar para a graduação e está no quarto semestre de Sistemas de Informação (S.I.) na UFBA. Atualmente, trabalha desenvolvendo websites de forma freelancer.

Mulheres que estudam áreas da Tecnologia da Informação

Estudos mostram que as mulheres até chegam a ingressar na faculdade ou no mercado de trabalho, mas, depois de um tempo, desistem. No Brasil, por exemplo, dados da PNAD de 2013 mostram que 79% das mulheres que entram nas faculdades da área abandonam o curso no primeiro ano. E o próprio ambiente acadêmico pode incentivar esse êxodo.

O OxenTI treina para mais uma edição do Technovation em 2017





Marina Sales, estudante do 2º semestre de Sistemas de Informação (SI) na UNEB, ressalta o problema da diferença entre homens e mulheres no seu curso: “Na minha sala só tem seis meninas e por conta dos privilégios já dados aos homens é complicado você disputar 6 vs 40”. Ela explica que às vezes é difícil ter uma opinião divergente do resto da turma.

Tássio Noronha, estudante do 6º semestre de SI na UFBA, acredita que a proporção de mulheres no seu curso gire em torno de 15%. “Não é fácil para uma jovem com 16 ou 17 anos dizer que vai estudar computação. Não há referências, não se conhecem muitas mulheres na área, os pais acham que não é coisa para mulher”.

Dessa forma, “ser durona” é uma característica muito apontada por garotas que estudam ou trabalham na área de TI para conseguirem se manter na área. “Se você prestar atenção, a maioria das mulheres de computação têm personalidade forte porque tiveram que encarar alguma dificuldade pra

chegar onde chegou”, afirma Camila Laranjeira, mestranda na UFMG. “Sobre a faculdade, só posso reforçar o que outras meninas já disseram: professor perguntando se foi meu namorado que fez o trabalho porque estava muito bom.”

O professor Ártus Bolzanni, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - IF-Baiano, no campus de Senhor do Bonfim, ressalta que nas turmas em que leciona a quantidade de mulheres não é tão baixa. Ele tem doze alunas em uma turma de 39 estudantes. “Claro que há o fato de que é um curso de licenciatura em Computação e também o fato de ser no interior da Bahia, onde as opções de curso são menores e as mulheres acabam fazendo o curso de Computação como oportunidade de obterem um diploma de graduação”.

Suporte e Desenvolvimento de Software

Além das dificuldades na graduação, as mulheres, depois de formadas, ainda têm de enfrentar diferenças no mercado de trabalho. Renan Barcellos é programador e na empresa onde trabalha há mu-

lheres, mas existe uma diferença interna. “Não sei se é só onde trabalho, mas não vejo nenhuma mulher no setor de Desenvolvimento de Software. No entanto, o setor de Suporte e Teste é totalmente composto por elas”.

Ayran Costa, programadora, conta que a empresa onde trabalhava abriu uma filial em Salvador e transferiu alguns funcionários para a nova. Nessa transição, ela foi transferida para uma área mais documental. “Eu era a única garota entre os transferidos e a única pessoa que eles tentaram colocar em uma área diferente da que atuava inicialmente”, conta.

Na cultura empresarial, as mulheres estão sendo mandadas para áreas mais distantes de TI. “Devemos pensar ações de empoderamento feminino nas comunidades, nas escolas, divulgação do trabalho da mulher”, ressalta a professora Reis. Além disso, é preciso reconhecer o trabalho das mulheres que já atuam na área e buscar diminuir o sexismo que acaba as desestimulando.

Caseira e com dendê

A Feira de São Joaquim oferece gastronomia condimentada e conectada com a cultura baiana

Daniel Oliveira

A circulação de pessoas é intensa nos corredores e vielas da Feira de São Joaquim. Um dos principais lugares de abastecimento de Salvador há mais de meio século, o espaço abriga boxes de utensílios domésticos, artesanatos, produtos em atacado, bombonieres, depósitos e, sobretudo, mercado de frutas, carnes, artigos utilizados no Candomblé e botecos-restaurantes. O ramo da alimentação, portanto, é um dos carros-chefe do comércio do lugar e atrai cotidianamente centenas de clientes, ou melhor, fregueses de diferentes bairros da cidade.

Os restaurantes

Os mais antigos restaurantes abriram as portas nos anos 1980 - preservam a memória e a identidade da população local. E isso ocorre, principalmente, a partir das relações sociais construídas e da gastronomia produzida. Lá dificilmente encontra-se uma variedade de tipos de comidas e pratos. A globalização gastronômica dos shopping centers, cujo ambiente das praças de alimentação congrega comidas multinacionais, passa longe de São Joaquim. Rabada, mocotó, ensopados e as comidas com dendê predominam. Ou seja, alimentos conectados com a cultura local.

“Eu sou de Senhor do Bonfim, no interior da Bahia, e aqui posso sentir o sabor da minha infância, como o da carne de sertão, do sarapatel e do ensopado de boi e também dos frutos do mar, que fui comer com mais frequência só adulto, em Salvador”, diz o comerciante Antônio Pereira de Souza, de 60 anos, que almoça quase todos os dias na Feira de São Joaquim e, no mesmo lugar, o Recanto do Luciano. “Já temos uma amizade de mais de 20 anos por conta da Feira”, completa.

Dono do restaurante no box 3 da rua das Flores há quase três décadas, Luciano Oliveira, 50, conta que o seu dia começa cedo. Ele compra os ingredientes no primeiro horário, na própria Feira, e ao longo da manhã prepara um prato, no máximo dois, para oferecer aos fregueses. “Vai variando. Segunda nunca é igual a terça e assim por diante, porque faço





Área externa
do restaurante
do Jacó

comida caseira. É simples, as pessoas que vem aqui buscam isso, quem é de dentro da Feira e quem é de fora também”, explica o chef de cozinha. Os preços do Prato Feito (PF) alternam entre R\$ 12 (ensopado de boi) e R\$ 18 (mocotó).

Uma das suas especialidades é o papa verde, espécie de feijão andu maior e preparado como o tropeiro. “É natural, fresco, sai na hora. Vem de Sergipe direto para a Feira”, assegura o permissionário, que também cita o restaurante da colega Marilena Andrade (Dadá), 62, na mesma rua, como referência. É só andar menos de um minutinho e chega lá. O cardápio da cozinheira, com “30 e tantos anos trabalhando na área”, é ligado à culinária baiana, mas sempre tem outras opções caseiras.

“A rabada e a feijoada são os mais pedidos, saem sempre aos sábados. E quarta e sexta são os dias de comida baiana, moqueca de peixe, feijão doce, feijão de leite, fradinho e os acompanhamentos, verdura, salada, pirão”, diz Dadá, que cozinha com a filha. Ela não revela o segredo do preparo e, como toda chef de mão cheia, recorre ao clichê para levar o papo para outro caminho. “O principal tempero é o amor”. Continua: “Tem que saber comprar os ingredientes de melhor qua-

lidade. Escolho aqui mesmo em São Joaquim e vou logo fazer. Começo a trabalhar 6 horas da manhã”.

Dadá também indica cervejinha gelada ou as cachaças caseiras produzidas por ela como aperitivo para o rango. “Tem Cambuí, Erva Doce, Pau de Rato, Milome”, lista. Todas feitas com ervas ou cipós. E, claro, não pode faltar aquela pimenta, de qualidade baiana atestada. Os preços variam entre R\$ 12 (individual) e R\$ 20 (duas pessoas).

Além das atribuições cotidianas do restaurante, ela realiza há 23 anos a Festa do Marujo, uma das celebrações mais conhecidas de São Joaquim e que deixa a rua das Flores lotada todo começo de setembro. “É só alegria, vem a Bahia toda!”, afirma com bom humor a permissionária histórica. Enquanto a conversa segue por Cosme e Damião, Santa Bárbara e outros carurus, Dadá atende o freguês Eivaldo Brito, 55, que almoça acompanhado do filho pequeno.

Ele é assíduo no restaurante da Dadá e a amizade já extrapola o quarteirão da Feira. “Vim comer um ensopado de boi e acertar com ela um Caruru para o dia 12 de outubro na minha casa”, conta Eivaldo. Essa, aliás, é uma das características do espaço: construir e solidificar amizades.

“Você cria uma proximidade, a pessoa já sabe o que você gosta, conversa sobre a vida, pode falar a vontade. Esse é o diferencial de comer na Feira de São Joaquim e que é encantador”, defende.

Em reforma desde 2010, a Feira de São Joaquim continua se transformando. Parte dos feirantes já atua na ala nova. A estrutura é diferente da rua das Flores, onde ficam Dadá e Luciano, com mais espaço e vista para o mar. O santamarense Jacó, por exemplo, expandiu os seus negócios com a troca de lugar. Ele atualmente administra na sua Cabana do Jacá uma equipe de funcionários e possui cardápio que não varia a cada dia da semana. Tem sempre peixe frito (R\$ 18), ensopado verdura (R\$ 18) para vegetarianos, caldo de sururu (R\$ 7), siri catado (R\$ 40), moqueca de camarão ou lagosta (R\$ 50), entre outras opções.

Apesar da ampliação do negócio, o modo das relações permanecem. Ele compra frutos do mar com fornecedores do Recôncavo Baiano e da Ilha de Itaparica. E nada congelado. “Na Feira você se alimenta com produtos frescos, com um cuidado artesanal de se fazer. E espero que isso continue sendo preservado”, conclui.

Salvador com outros olhos

Iniciativas em diversas plataformas online fortalecem a prática da fotografia em Salvador

Felipe Iruatã

Fotógrafos amadores e profissionais de Salvador vêm disputando cada vez mais a divulgação de seus trabalhos nos espaços tanto virtuais quanto impressos. Os soteropolitanos têm aproveitado plataformas como o Instagram para compartilhar suas imagens, a exemplo do perfil Salvador Meu Amor, conta na rede social que diariamente republica fotos de diversos pontos da cidade. Os amadores querem ir além da selfie e estão transformando a fotografia em um hobby. O smartphone transformou-se em uma ferramenta importante para compor fotos interessantes dos do Pelourinho, de saltos no Porto da Barra ou do pôr do sol.

Segundo Roberto Faria, fotógrafo e professor de fotografia, o celular é de extrema importância para começar a fotografar: “Todo mundo tem celular na mão hoje com acesso à internet e isso gera um poderoso instrumento”, declara. No Instagram o Correio* e o jornal A Tarde criaram hashtags - etiquetas que servem como indicadores de tendências nas redes sociais - como #EspaçoDoLeitorCorreio e o #instantâneo, da revista Muito, para a publicação dos fotógrafos e fotógrafas.

Produto semanal do Jornal A Tarde, a revista Muito foi criada em 2008. O Instagram da revis-

ta surgiu um tempo depois, em 2015, destacando algumas fotografias de Fernando Vivas - na época, repórter fotográfico do meio - com a hashtag #chadeespera. Essas fotos eram postadas nos intervalos de cada pauta e mostravam uma cidade além dos pontos turísticos com imagens inusitadas. A partir dessa iniciativa a Muito começou a solicitar fotos do seu público para divulgar na rede, inclusive na versão impressa.

A repórter Tatiana Mendonça explica que em 2016, com a revista em reformulação, foi criado o Instantâneo, espaço aberto para imagens de amadores e profissionais. “Hoje em dia todo mundo se acha fotógrafo e a gente vê muitas fotos legais da capital, então porque não trazer esse olhar diferente da cidade para revista?”, indaga Tatiana. Faria ainda afirma que muitos fotógrafos profissionais estão utilizando o celular em trabalhos importantes. “Inclusive, tenho uma amiga que já exibiu seu trabalho em Nova Iorque e ganha dinheiro com fotografia feita exclusivamente com o celular”, comenta.

Para o fotojornalista Victor Moriyama, do jornal El País, o diferencial do trabalho dos profissionais é como a foto foi composta. “Muitas vezes as câmeras dos celulares não têm os recursos técnicos que o fo-

tógrafo tem, como abertura e velocidade. A subjetividade do indivíduo acaba se sobressaindo à técnica”.

Haveria uma crise no fotojornalismo em detrimento ao bombardeio de imagens públicas? Para Xando Pereira, fotojornalista do A Tarde, não há crise na área: a crise é do jornal impresso. Com muitas fotos circulando, as produções fotográficas gratuitas diminuem a atuação do fotógrafo repórter nas redações brasileiras.

Xando pontua como interessante a democratização da imagem mas comenta a presença de fotógrafos não profissionais nos eventos da cidade. “O que é complicado para mim é a quantidade de fotógrafos nos eventos, geralmente mais fotógrafos do que protagonistas. O posicionamento dos fotógrafos amadores na maioria das vezes dificulta a composição de uma boa foto”, diz.

Com ou sem crise a fotografia sempre vai estar presente na vida de qualquer cidadão. As imagens continuarão circulando entre celulares e redes sociais. Selfies e imagens inusitadas, mais do que nunca, serão publicadas. O que irá determinar a qualidade de uma foto ainda é o olhar e a contribuição da técnica com as que profissional perpetua o momento.



Metrô de Salvador será o 3º maior do Brasil

Greice Mara

Depois de quase 15 anos, o metrô de Salvador parece finalmente estar entrando nos trilhos. Desde que a administração do metrô foi transferida da Prefeitura - capitaneada pela Camargo Corrêa - para o Governo do Estado em consórcio com a CCR Metrô, em 2013, é possível notar que as obras estão a todo vapor e o sistema metroviário continua expandindo-se pela capital baiana. O projeto de expansão mais recente é o da Linha 2, que tem início na já inaugurada Estação Acesso Norte 2 e até o final deste ano chegará a Lauro de Freitas, região metropolitana.

As obras da linha 2 do metrô tiveram início em 2015 e, atualmente, estão com mais de 80% de avanço físico, com previsão de conclusão até o final de 2017. O trecho, quando terminado, vai ligar Salvador a Lauro de Freitas, passando pelo Aeroporto Luís Eduardo Magalhães. Até então, já foram inauguradas três estações: Acesso Norte 2, Detran e Rodoviária. A estimativa é que a linha 2 tenha 23 km de extensão e 13 estações e, somada a linha 1 ficará com 41 km de extensão, o que fará com que o sistema metroviário de Salvador seja o 3º maior do Brasil, perdendo apenas para São Paulo e Rio de Janeiro com 78,4 e 58 km, respectivamente.

Com a inauguração das estações Acesso Norte 2, Detran e Rodoviária, já é possível chegar de metrô

Após o término da linha 2, metrô de Salvador será menor apenas que do Rio de Janeiro e São Paulo

da Lapa ao Iguatemi em 14 minutos - trajeto feito em mais ou menos 40 minutos de ônibus - fazendo a integração entre as linhas 1 e 2 no Acesso Norte, sem pagar mais por isso. Já a viagem entre Pirajá e Rodoviária dura, aproximadamente, 13 minutos. Essa rapidez deve ajudar muitas pessoas no trajeto de casa para o trabalho, a faculdade, o lazer, entre outros.

Para o estudante de Jornalismo na UFBA, Kelvin Figueiredo, 20, a chegada do metrô no bairro de Cajazeiras vai facilitar sua ida às aulas. "Vou me mudar para Cajazeiras ainda este ano e acredito que o metrô deva ser minha principal forma de mobilidade, por conta da rapidez do serviço. Acho que vai ajudar muitos moradores das regiões mais à margem do centro de Salvador.", afirma.

O publicitário Jonath Ferreira, 24, morador de Lauro de Freitas, também vê o metrô como um facilitador para chegar ao trabalho, localizado em Salvador. "O acesso a Salvador, onde trabalho e pratico boa parte do meu lazer, será muito facilitado.", conta.

Integração

Atualmente há 241 linhas interligadas, 200 na Estação da Lapa e 41 no Terminal Pirajá, a integração metrô-ônibus consiste em pegar um ônibus ou metrô e, em um intervalo de menos de 2h, pegar outro sem que a segunda passagem seja cobrada. Para funcionar, a integração é feita somente com o uso do cartão emitido pela CCR Metrô ou o Salvador Card. A integração permite que os usuários de ambos os sistemas economizem pelo menos 50% da valor das passagens.

Há ainda a intenção de construir mais quatro terminais de integração - Acesso Norte, Rodoviária, Pituçu e Aeroporto - além da reforma de outros dois, Rodoviária Norte e Mussurunga. Para o gerente de arrecadação da CCR Metrô Bahia, Jorge Pereira, a ideia é integrar o metrô com as demais linhas municipais da cidade. "Mais para a frente, quando todas as 700 linhas da capital de ônibus estiverem integradas ao metrô, podemos atender 500 mil pessoas por dia", afirma.

De acordo com Fábio Mota, secretário de Mobilidade Urbana de Salvador, quando a linha 2 do metrô estiver concluída, algumas linhas de ônibus serão extintas. "Porque já não haverá mais necessidade. Sem dúvida, a integração melhora o sistema de transporte público e a mobilidade da cidade", conclui. Além disso, os trajetos dos ônibus da Região Metropolitana serão reduzidos, já que estes não irão mais para Salvador.